

e trabalho intelectual, seria o mesmo que está nas origens do pensamento filosófico abstrato, mas redefinido, no caso do intelectual-literato, pelo esquema reduzido do seu "universo cultural".

"Ao contrário do filósofo, portanto, ao contrário da abstração filosófica, a abstração do literato não chega a se desenvolver metodicamente (. . .); limita-se a sujeitar-se às leis gerais da harmonia, simetria, coerência de fórmulas e de estilos que dominam o seu ideal estético da realidade."

Depois dessa tentativa de caracterizar o letrado, o texto procura apanhar a sua situação hoje, no mercado de trabalho, quando ele não é aproveitado pela escola. Há então escassas possibilidades e a tendência é a entrada para a burocracia ou os meios de comunicação de massas.

A situação do letrado, solto no mercado de trabalho, faz lembrar as domésticas que, nas agências de emprego, por falta de especialização, são catalogadas na categoria do "faz-tudo", exatamente porque nada sabem fazer (ao contrário das cozinheiras, babás, copeiras . . .). E à falta de especialização corresponde, também no caso do letrado, a baixa remuneração.

Se levarmos em conta este perfil do letrado de ontem e de hoje, impõe-se repensar a sua formação e os seus métodos de trabalho, bem como a atualização das Faculdades de Letras e Filosofia. O ideal da Universitas, que, no Brasil, a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo encarnou desde a sua criação, é contrariado quotidianamente pela setorialização de que nos fala a autora italiana. No Brasil, depois de 68, essa fragmentação do trabalho intelectual aí desenvolvido se configurou mesmo espacialmente, na pulverização dos diversos cursos pelo Campus e, dentro de cada curso, a pulverização de alunos e professores, pelas reformas que introduziram, entre outras coisas, o sistema semestral e parcelado.

E a situação do literato brasileiro parece muito semelhante à que Simonetta descreve, no caso italiano, de um intelectual encurralado entre duas saídas igualmente falsas: a generalidade e as totalizações apressadas (a "ignorância culta") ou a especialização extrema e medrosa que, no limite, é debruçar-se sobre o ínfimo ou sobre o nada.

Pensar nisso é buscar formas novas de sair desse impasse. Não tenho a receita, mas desconfio que essa busca implica modificar um pouco os métodos seculares de trabalho do letrado — o trabalho solitário, de gabinete — aprendendo a complementá-lo com a dimensão mais larga do trabalho de equipe, interdisciplinar. E isso, todos nós sabemos que não sabemos fazer. Não seria tempo de começar . . . para aprender?

### Rousseau, Freinet e Paulo Freire: educação transformadora e educação conservadora<sup>1</sup>

Esse título, se não nomeia algo que normalmente concebemos como uma comunicação apresentável num colóquio de especialistas, representa (lido de trás para a frente: de Paulo Freire a Rousseau) o caminho que me trouxe aqui e, no fundo, minhas obsessões enquanto professora de literatura numa Faculdade de Letras, atualmente em busca do sentido perdido da sua profissão.

Quer dizer que é preciso explicitar, antes de mais nada, que não sou especialista em Rousseau mas, apesar disso, se ousar intervir aqui é porque, neste contexto, também se permite a "bricolage"; então eu creio que me deixarão pescar, cá e lá na obra de Rousseau (sobretudo no *Emílio*), alguns ecos das obsessões que me são caras, no que se refere à educação.

Meu ponto de partida foi a constatação de um aparente paradoxo: como professora de teoria literária, eu costumava ensinar aos estudantes que a literatura — nosso objeto — é um espaço de confrontação ideológica (Mukarovsky), ou um espaço de liberdade (Sartre); e que ela poderia, por isso mesmo, constituir um instrumento de desalienação e de humanização.

Mas, pouco a pouco, fui percebendo que, pela maneira mesma de aprender e de ensinar essas "verdades", ela acabava servindo exatamente ao seu contrário: o saber sobre a literatura que se adquire na Faculdade de Letras é consumido da mesma forma que o último Volkswagen ou o último Chevrolet; ele serve, então, à alienação das pessoas, à ostenta-

<sup>1</sup> Apresentado no "Colloque de Nice sur Jean-Jacques Rousseau et Voltaire" em junho de 1978, publicado em francês, como apêndice aos INDEX DES FRAGMENTS AUTOBIOGRAPHIQUES ET DE LA LETTRE A VOLTAIRE, org. Gilbert Fauconnier, Jacqueline Givel, Leo e Michel Launay, Librairie Slatkine e Librairie Champion, Genève-Paris, 1979, p. 635.

ção de "cultura" e à manipulação uma linguagem discriminatória e de poder.

Tentando superar o paradoxo, voltei-me para a obra do educador Paulo Freire que procurou teorizar a relação pedagógica, a partir da sua experiência na alfabetização de adultos, como transformadora e coerente com a "verdadeira natureza humana", concebendo o aluno como participante, pesquisador e construtor do seu saber; ao contrário do que ele chama "educação bancária", pela qual o estudante é concebido como um cofre vazio que o mestre eficiente preenche com um saber acabado.

Era — ou parecia ser — a teoria da educação mais adequada e coerente com o ensino da literatura. Mas Paulo Freire, por outro lado, não parecia ser a fonte adequada à pedagogia do texto literário, pois apesar de extremamente idealista (basta tomar o seu conceito de "natureza humana") é também extremamente racionalista, não deixando quase lugar para a imaginação.

Descobri, então, Celestin Freinet que, trabalhando com crianças, chegara cinquenta anos antes a uma teoria que se intitulava "moderna" da educação e que podemos aproximar daquela que Paulo Freire chama de "transformadora". Mas para Freinet, o papel da imaginação (e da literatura, entendida como trabalho criativo com a linguagem) era fundamental no processo de desenvolvimento intelectual e afetivo (o "épanouissement" ou o desabrochar) da criança.

Quanto ao resto, há muita semelhança entre ele e Paulo Freire: sobretudo a concepção da atividade educacional como atividade política; o papel do educador como o de um militante; a educação transformadora como sendo aquela que é mais natural, porque permitiria ao homem um real aproveitamento de suas faculdades; a educação como um processo vivido pelo aluno que deve descobrir e produzir o saber — e mais a concepção do ensino como possibilidade harmônica de desenvolvimento intelectual e manual.

Reencontramos, nisso, Gramsci, mas, antes dele, Rousseau:

Quando Emílio for aprender sua profissão, eu vou aprendê-la com ele, porque estou convencido de que ele só aprenderá realmente aquilo que nós aprendermos juntos.

Mas se Freinet me fez chegar a Rousseau, esperava-me aí uma pequena surpresa: eis a literatura, meu instrumento de trabalho, jogado às traças, não sobrando senão um livro — Robinson Crusoe. Era o balançar de todas as belas concepções que eu tinha colecionado sobre a função social da literatura. A leitura de Rousseau me levou, então, a colo-

car a questão de saber se a defesa do ensino da literatura não seria apenas a defesa do meu emprego.

Contra o livresco, Rousseau salva o teatro, como bem mostrou Roberto Salinas na sua intervenção.<sup>2</sup> Mas o que se salva também é o trabalho com a linguagem, num homem que, apesar de falar contra os livros, escreveu tantos livros e que, mesmo sendo contra a literatura, produziu páginas românicas e poéticas. Um homem que detinha ainda a educação como aperfeiçoamento da inteligência pelo sentimento.

Então é preciso talvez pensar nesse paradoxo, tentando extrair dele algumas lições. Eu creio haver tirado uma que poderia enunciar assim: a literatura como aquisição livresca, como exibicionismo de salão, se ela não ia bem na França do século XVIII, vai muito menos bem ao Brasil do século XX. A uma imitação servil da utilização do literário, como brasão do "honnête homme", ou sinal do refinamento da civilização avançada, eu oporia antes uma utilização ativa e dessacralizante de todas as literaturas do mundo.

Resumindo, a lição que eu penso tirar de Rousseau é esta: fazer com a tradição livresca — onde eu incluo a própria obra de Rousseau — uma utilização antropofágica ou um trabalho de "bricoleur" — é o que se deveria ensinar nas escolas do Terceiro Mundo que, assimilando por fragmentos a herança cultural da dependência, podem buscar aí os instrumentos da sua liberação.

<sup>2</sup> Fortes, Luiz Roberto Salinas. "O teatro em Rousseau", comunicação apresentada no mesmo Colóquio, também publicada no livro citado.